

Yvonne Jean: uma mulher em tempos sombrios

Lúcia Margarida Alheiro da Silva
(Gerente de Arquivo Permanente do ArPDF)

Confesso que fiquei bastante apreensiva com a responsabilidade de preparar um artigo sobre o fundo arquivístico da escritora e jornalista Yvonne Jean, tendo como referência o tema escolhido para o primeiro número da revista do ArPDF. Não apenas pela tarefa de retratar e transmitir para os nossos leitores, com base no arquivo pessoal de Yvonne Jean, o que representou e o que representa essa mulher como um exemplo de vida e luta, mas também porque, para fazê-lo, teria de deixar o meu lado de arquivista, mais precisamente de organizadora de fundos documentais - cujo objetivo principal é o de permitir e facilitar o acesso aos documentos pelos pesquisadores - para tornar-me, eu mesma, pesquisadora em arquivos.

Histórico do fundo Yvonne Jean

Yvonne Jean nasceu na Bélgica em 1914, de origem judaica. Veio para o Brasil na década de 40, fugindo do nazismo. No Brasil, casou-se com um advogado brasileiro e tiveram um filho. Morou no Rio e em São Paulo, antes de vir para Brasília, em 1962, a convite de Darcy Ribeiro para fazer parte da Universidade de Brasília. Em

Comunicações

consequência do golpe de 1964 ela foi demitida, passando a dedicar-se mais ao jornalismo e a outras atividades culturais¹.

O fundo Yvonne Jean foi recolhido ao ArPDF mediante doação feita por seu filho, João Luis da Fonseca, em 1987. Após tratamento arquivístico foi colocado à disposição do público juntamente com um instrumento de pesquisa.

A documentação foi organizada por técnicos que hoje não mais se encontram no ArPDF. O meu contato com esses documentos, até então, restringia-se à sua adaptação às normas internacionais de descrição arquivística adotadas pelo Conselho Internacional de Arquivos - CIA. A publicação do inventário do fundo Yvonne Jean pelo Arquivo Público do Distrito Federal está prevista para este ano.

As possibilidades do acervo

Ao iniciar a pesquisa para este artigo, optei pelo material fotográfico, talvez, inconscientemente, pela necessidade de ficar mais próxima da pessoa sobre a qual iria falar, seguindo à risca o ditado: “o que os olhos não vêem, o coração não sente”. Eu precisava senti-la, precisava de seu apoio para minha missão.

E como uma resposta ou um sinal, estava diante de mim aquela foto. Foi um choque, não queria acreditar. No verso, estava escrito: “Eneida na BICA”. Olhei novamente a foto. Em minha mente, fatos do passado foram sendo revistos. Aquele não era um lugar qualquer. Era a Biblioteca Infantil Carlos Alberto, a BICA, como era chamada por nós. Foi lá que, na década de 50, ganhei meu primeiro livro. Foi

¹ Yvonne Jean foi admitida na UnB em 1º de julho de 1962 para o cargo de Assessora de Imprensa. Ela ocupou essa função no Centro de Extensão Cultural da Universidade de Brasília, sob a coordenação de Pompeu de Sousa. Foi demitida em 25 de outubro de 1965.

Comunicações

lá que aprendi a gostar de livros e a respeitá-los. Foi realmente estranho, pois tratava-se, ou melhor, trata-se, de uma biblioteca localizada num subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, e que, segundo diziam, havia sido criada por um casal cujo filho havia morrido prematuramente, daí o nome Carlos Alberto. Sabemos que Yvonne Jean é autora de livros infantis, cujas mensagens, entre outras coisas, demonstram sua preocupação com a destruição da natureza.

No acervo dessa escritora, professora, tradutora, jornalista, esposa e mãe é possível encontrar os mais diversos assuntos, assim como informações de sua vida privada. A trajetória de uma imigrante judia, assim como a história recente do Brasil, encontram-se, sem dúvida, entrelaçadas no acervo de Yvonne Jean.

Da leitura de seus artigos e reportagens depreende-se o grande amor e admiração que ela sentia pela cidade de Brasília; observa-se nitidamente o quanto se sentia responsável e tentava transmitir aos seus leitores essa responsabilidade com a cidade, principalmente em homenagem àqueles que acreditaram no projeto e aos que morreram durante a construção da cidade. Ela esperava que essas mortes não tivessem sido em vão. Yvonne, em 1963, era uma pessoa consciente do significado político daquele período para definição do rumo de nossa história.

A paixão pela Universidade de Brasília

Os seus artigos jornalísticos nos permitem vislumbrar o desencadear e o peso da repressão política como, por exemplo, aqueles escritos a partir de 1968. Sua coluna no *Correio Braziliense* “suaviza-se”, provocando mesmo a indagação de um de seus leitores sobre a sua orientação, agora não mais tão diversificada. Ela responde observando que o jornal agora tinha seus editores específicos e

Comunicações

portanto não podia mais falar como fazia anteriormente. Contudo, um assunto ela jamais deixou de abordar, esse lhe era sagrado: tudo o que dizia respeito à Universidade de Brasília. Yvonne Jean sempre foi uma ferrenha defensora da instituição, da forma como tinha sido criada e dos servidores banidos, defendia inclusive o CIEM², o colégio de Aplicação da Universidade de Brasília, também alvo das perseguições políticas.

Um trecho de sua coluna intitulada “Esquina de Brasília” é bastante ilustrativo de suas posições em relação à Universidade de

Persoonsbeschrijving — Signalment

Beroep Jonder Vans

Plaats en datum van geboorte ANTWERPEN-ANVERS

Lieu et date de naissance 20.4.1911

Woonplaats Bucchem

Aangezicht ovaal ovale

Oogen Bruin Bruins

Haar Bruin Bruin

Bijzondere kentekens

Kindereu — Enfants

die den houder vergezellen — accompagnent le titulaire

Aantal — Nombre Ouderdom — Age Geslacht — Sexe

Handtekening van den houder

Signature du titulaire

Yvonne Jean

BELANGRIJK BERICHT. — De Belgische Regeering zal de kosten van repatriëring der personen die zich naar het buitenland begeven, niet helpen dragen.

AVIS IMPORTANT. — Le Gouvernement Belge n'interviendra pas dans les frais de rapatriement des personnes se rendant à l'étranger.

Passaporte belga de Yvonne Jean.
Fundo Yvonne Jean. Acervo ArPDF
Data: 09/01/1940

² Centro Integrado de Ensino Médio.

Comunicações

Brasília: “A UNB, inspirada, por um lado, pelo que há de mais positivo nas modernas instituições superiores européias e americanas e, por outro lado, idealizada em função das exigências do Brasil em desenvolvimento; a UNB estruturada de modo a formar cidadãos responsáveis, especialistas qualificados nos diversos ramos do saber, capazes de aplicar os recursos técnicos à ciência e pôr esta ao serviço do homem; a UNB que, ao renovar o sistema tecnológico e científico planejou meios para dar a Brasília possibilidade de exercer sua função integradora, e também novas perspectivas culturais; a UNB, com seus Institutos Centrais, sistema duplo e integrado, créditos, estagiários-instrutores e duas grandes lealdades: ‘a lealdade aos padrões internacionais da cultura e a lealdade à solução dos problemas nacionais’; esta UNB esperançosa, nascida em fins de 1961, foi destruída por um ‘reitor liquidatário’, título com o qual o sr. Laerte Ramos de Carvalho sai, agora, de Brasília, após ter conseguido tirar desta capital imenso número de cientistas e professores conceituados” (FONSECA, 1968).

Cartas anônimas

Em outro de seus artigos Yvonne chama a atenção para a grande quantidade de cartas anônimas que lhe são enviadas. São suas estas palavras: “Nunca recebi tantas cartas anônimas quanto ultimamente. Aliás, cartas anônimas completamente diferentes das habituais, cujo próprio envelope, papel e letra já anunciam algo sujo que nem é preciso ler antes de atirá-lo à cesta. As atuais são anônimas porque não trazem assinatura nem endereço. Fora disso levantam problemas de interesse geral, muitas vezes importantes e reais.” (FONSECA, 1968). Ela descobre que não se tratava de um fenômeno local, pois outros jornalistas de outros estados passavam por essa mesma

Comunicações

experiência. Os leitores não se identificavam com medo de retaliações contra si ou seus familiares.

O conjunto documental de Yvonne Jean está longe de ser um fundo que reflete apenas os fatos ligados à repressão política. Porém ele é incontestavelmente uma testemunha importante dos “anos de chumbo” em Brasília. Materiais como o exemplar do extinto jornal *A Crítica* de 2 de abril de 1964, defendendo João Goulart como Presidente da República; matérias que falam da invasão do Campus da UnB, manifestos contra a situação vigente, são alguns entre tantos outros documentos que podem esclarecer muitos episódios da repressão no Distrito Federal, assim como fornecem os registros das impressões individuais de uma mulher engajada. E, principalmente, servem de estímulo para a memória de um período tão tumultuado e execrável de nossa história.

Yvonne foi uma intelectual preocupada em deixar arquivados o que forma a matéria-prima do nosso trabalho de arquivista e dos que se dedicam à pesquisa, e que às vezes pode promover grandes alegrias, como a que tive ao rever, naquela foto, acontecimentos que me foram tão especiais. Acredito que muitos pesquisadores já tenham passado por experiências similares, embora única para aquele exato momento. Por tudo isso, obrigado Yvonne.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONSECA, Yvonne Jean da. O ensino dia a dia. *Correio Braziliense*, Brasília, 28 jan. 1968.

FONSECA, Yvonne Jean da. Esquina de Brasília. *Correio Braziliense*, Brasília, 17 nov. 1968